

A BÍBLIA NA HIPERMÍDIA: NOVAS FORMAS DE ACESSO AOS TEXTOS BÍBLICOS

*Adriana Ferreira da Silva**

RESUMO

Este artigo investiga a presença da Bíblia nas mídias digitais, analisando suas características em termos de linguagem hipermediática em aplicativos utilizados em dispositivos móveis, como os *tablets* e *smartphones*, e dos modos pelos quais essas novas mídias podem ampliar a difusão e a compreensão das Escrituras de forma atualizada e renovada. A primeira parte apresenta a Bíblia em seu percurso histórico, partindo da primeira reunião dos escritos sagrados até o livro digital, cuja base teórica está fundamentada nos seguintes autores: Alberto Manguel, D. Paulo E. Arns, Roger Chartier, Febvre e Martin, Bellei, Darnton entre outros. Contempla brevemente as artes plásticas e os suportes utilizados para exibir de forma pictórica os textos bíblicos, com base no pensamento de Régis Debray. Diante dos avanços da Internet e de suas possibilidades na difusão do Evangelho, foram analisados aplicativos tendo em vista o uso dos recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos), fundamentados na teoria de Lucia Leão e apoiados em outros autores, como Lúcia Santaella e Júlio C. Freitas. A partir de um estudo de caso, chegou-se à conclusão de que a maioria dos aplicativos oferece o texto bíblico sem explorar plenamente os recursos da hipermediá. Mas, em contrapartida, cumprem sua função de fazer chegar às mãos das pessoas, de forma incorporada ao seu cotidiano, a Bíblia toda ou parte dela. Os aplicativos com maior uso dos recursos da hipermediá oferecem uma experiência mais ampla com diversas possibilidades exploratórias.

Palavras-chave: Bíblia; hipermediá; aplicativos; religião; dispositivos móveis.

INTRODUÇÃO

Com o início da tradição escrita, iniciou-se também a busca de uma forma cada vez mais acessível para consultar, carregar, transportar e manusear textos. Com os escritos religiosos não foi diferente. Por isso, diversas formas de acesso aos textos bíblicos foram criadas ao longo dos séculos, de acordo com cada tempo e momento da história.

* Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. Docente da Faculdade Canção Nova de Cachoeira Paulista – SP. E-mail: adriana@cancaonova.com.

Nos primeiros séculos da era cristã, os livros eram escritos em rolos de pergaminho. Por conta da perseguição aos cristãos, o formato rolo foi substituído por folhas de papel dobradas, denominadas códices. Este formato permitia o transporte de pequenos volumes com maior quantidade de textos, sem serem percebidos, por debaixo das vestes dos cristãos.

Com o passar dos séculos foram pensadas outras formas, outros suportes para trazer ao povo iletrado a mensagem evangélica. Foi então utilizado o suporte pictórico, quer nas iluminuras dos livros, quer nas paredes das Igrejas medievais, ou nos vitrais das igrejas góticas, depois em imensos quadros ou mesmo nos tetos e paredes das igrejas, isso ocorrendo durante muitos séculos.

Com a invenção da prensa por tipos móveis e a publicação dos textos bíblicos em língua vernácula, a difusão da Bíblia como um todo ou em partes tornou-se vultosa. E por mais de cinco **séculos** ela permaneceu difundida e conhecida no formato códice, tomando dimensões cada vez menores e de manuseio facilitado.

Com as tecnologias móveis e a convergência digital, a Bíblia foi transposta de diversas maneiras para o formato digital e a cada dia ela vem se reconfigurando, permanecendo acessível das mais variadas formas e meios. A Bíblia que antes ficava em casa agora voltou para a bolsa ou bolso de muitos cristãos na forma de aplicativos em seus *tablets* e *smartphones*. Esses formatos permitem, ainda, novas formas de interação com os textos sagrados, uma vez que utilizam os recursos da hipermídia.

FORMAS DE PROPAGAÇÃO DOS TEXTOS BÍBLICOS

Os judeus realizaram a primeira reunião de escritos sagrados¹, que foi encerrada no século I d.C. “Alguns historiadores modernos acreditam que a escrita dos textos sagrados tenha começado com chapas de argila que faziam as vezes das folhas de papel” (CECHINATO, 1999, p. 12). A segunda reunião de tais textos foi realizada pelos cristãos até meados do século IV (ARENHOEVEL, 1978, p. 10-16). O formato dos escritos na Antiguidade era em rolos manuscritos, portanto não é possível saber quantos eram os rolos de livros que compunham a Bíblia, todos os livros que formam o Antigo Testamento poderiam formar uma biblioteca inteira. Mas, ao serem encadernados em um único volume, o códice, certamente foi um grande avanço na busca de formas mais práticas para transportar e consultar os textos bíblicos.

¹ “A data de composição e de redação final dos profetas, bem como da maioria dos escritos do Antigo Testamento, é difícil de se precisar. Muitos têm uma longa e complexa pré-história de tradições e redações” (ARENS, 2007, p. 43).

Os pagãos inventaram o formato códice, que foi largamente usado pelos cristãos. Os primeiros cristãos “adotaram o códice porque descobriram que era muito prático para carregar, escondidos em suas vestes, textos que estavam proibidos pelas autoridades romanas” (MANGUEL, 1997, p. 64). No século IV, o vocabulário usado por São Jerônimo faz referência à Escritura como sinônimo de *codex* (ARNS, 2007, p. 27). Dom Paulo Evaristo Arns afirma que: “Os *codices* terão êxito, sobretudo porque oferecem vantagens consideráveis, em primeiro lugar para o manuseio prático da Bíblia e dos Livros Litúrgicos” (ARNS, 2007, p. 105). Um dado importante relatado por Arns (2007, p. 147) é que o público culto, nos meios cristãos, não media sacrifícios para obter os livros, portanto a cópia tornou-se o primeiro meio de difusão do livro e, conseqüentemente, da Bíblia (ARNS, 2007, p. 148-149, 169).

No século XIII surgiu em Paris um texto da Universidade de Sorbonne, parcialmente inspirado na obra de São Jerônimo. Foi então que a tradução feita pelo Santo recebeu o nome de “Vulgata” que significa edição “difundida”, “popularizada”. Este é o texto impresso como primeiro livro na prensa de tipos móveis criada por Gutenberg (CARREZ, 1995, p. 103). As primeiras Bíblias impressas não vinham prontas e encadernadas; eram vendidas em folhas reunidas e depois encadernadas pelos compradores em grandes e imponentes tomos² que mediam cerca de trinta por quarenta centímetros e eram destinadas a ficarem expostas num atril (MANGUEL, 1997, p. 158-160). “A invenção de Gutenberg se propagou de forma avassaladora, deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores” (DARNTON, 2010, p. 40).

A Reforma Protestante também foi impulsionadora na propagação da Bíblia, fazendo-a chegar de forma mais generalizada às mãos do povo considerado iletrado. Febvre e Martin afirmam que na Alemanha as tiragens da Bíblia foram crescendo até superarem a marca de um milhão somente na primeira metade do século XVI. E esta foi a primeira vez em que se pode dizer que houve uma literatura de massa, acessível a todos. “Colocar os textos sagrados ao alcance de cada um, e na própria língua, fora um dos serviços que Lutero solicitara da imprensa” (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 377-378). Na França o mesmo aconteceu quase na mesma época: o bispo reformador Lefèvre d'Étaples fez a tradução dos textos bíblicos e mandou imprimi-los em formato pequeno (in-oitavo³ ou in-dezesseis). Desta forma, os textos das Escrituras foram colocados ao alcance de todos na França (FEBVRE; MARTIN, 2000, p. 380).

² Tomo: divisão de uma obra que corresponde, quase sempre, a um volume completo (TOMO, [s.d.])

³ In-oitavo: formato de livro em que a folha está dobrada em oito e há, portanto, 16 páginas (IN-OCTAVO, [s.d.]).

Ao longo dos séculos, os livros foram aos poucos se tornando ricamente decorados, iluminados. Na Idade Média, época em que a vida de muitos europeus estava mais voltada aos ofícios religiosos, os volumes geralmente eram “em formato pequeno, em muitos casos iluminado com requinte e opulência por mestres da arte, continham uma coleção de serviços curtos denominados ‘ofício menor da abençoada Virgem Maria’ recitados em vários momentos do dia e da noite” (MANGUEL, 1997, p. 152-154). Alberto Manguel conta que esses volumes pequenos eram instrumentos portáteis da devoção, podendo ser usados pelo crente tanto em serviços públicos da igreja como em orações privadas. Seu tamanho tornava-os adequados também às crianças (MANGUEL, 1997, p. 153-154).

A partir do século V, a Igreja Católica começou a produzir seus livros de culto em tamanhos imensos e também os decorava com as figuras presentes nas narrativas bíblicas (MANGUEL, 1997, p. 155). Neste momento tem-se um paradoxo, “o livro que proíbe imagens tornou-se um tesouro de imagens, o grande celeiro para o olho ocidental”, afirma Régis Debray (2004, p. 4). Para os primeiros crentes da Antiguidade, Deus era algo do qual não se podiam fazer imagens; assim, o ponto de partida de suas reflexões foi a rejeição de simulacros. Mas na era moderna os textos sagrados, em muitas crenças, deram origem ao maior corpo de arte visual do Ocidente (DEBRAY 2004, p. 5).

A propagação mais generalizada das imagens religiosas, baseada nas Escrituras, aconteceu na Itália, no período do Renascimento. A base para tal proliferação veio amparada nas decisões tomadas nos Concílios Ecumênicos da Calcedônia (ano 451) e de Niceia (em 325 e 787). Mas foi durante a Reforma e a Contrarreforma que as imagens floresceram. Impulsionada pela imprensa, a Reforma retornou com as Escrituras, opondo-se ao monopólio da Igreja Católica Romana na interpretação dos textos sagrados. Esses fatores levaram a uma proliferação de xilogravuras, gravuras de histórias do Antigo Testamento, “estampas que alcançaram um efeito cumulativo de traduzir as imagens verbais do Antigo Testamento em imagens pictóricas”. Os luteranos, embora dedicados à Palavra, foram mais abertos à imagem visual do que os calvinistas (DEBRAY, 2004, p. 10-11).

Nos últimos dois mil anos, a Bíblia é considerada a maior criação literária que a humanidade já conheceu. Os ensinamentos do judaísmo e do cristianismo são baseados nela. Somadas todas as versões, este é o livro mais popular, traduzido e impresso na história, afirma o *Bible Lands Museum Jerusalem*, em Israel, na exposição *The Book of Books* (THE BOOK, 2014). Não há concordância sobre o número exato de Bíblias comercializadas no mercado de livros nestes mais de 20 séculos. Nas listas mais diferentes, a Bíblia aparece como o mais vendido de todos os tempos e apontam uma tiragem superior

a seis bilhões de cópias, o segundo colocado estima-se que esteja em torno de novecentas mil cópias. O dado mais recente faz referência aos últimos 50 anos, nos quais teriam sido comercializadas aproximadamente 3.900 milhões de cópias da Bíblia (10 LIVROS, 2016).

Acredita-se que com os meios digitais esteja acontecendo a terceira revolução do livro. Vale assegurar que, ao longo da história da humanidade e da comunicação, “uma mídia não toma o lugar de outra, ao menos a curto prazo”, afirma Darnton (2010, p. 14). Bellei (2002, p. 40) argumenta, a partir do pensamento de Michael Rosenthal, que o livro é um objeto que passa por constantes processos de mutação e adaptação ao longo da história; ressaltando que algumas destas são mais significativas do que as que estão ocorrendo no início do século XXI, em função das novas tecnologias. Já para Roger Chartier (1999, p. 97-98), a revolução que acontece agora é mais importante do que a de Gutenberg. Pois, para ele, esta revolução “não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores”. Chartier afirma que o livro impresso traz até hoje as heranças do manuscrito, no tocante à divisão em cadernos, formatos, sumário e outras características organizacionais. O autor reforça que “com a tela, substituta do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificaram” (CHARTIER, 1999, p. 98).

A digitalização vem proporcionar inovação no contexto do livro, que perduravam desde a invenção da imprensa, oferecendo uma vantagem, à qual Maurice Aymard chamou de decisiva. Ele se refere a tal avanço da seguinte maneira:

Possibilidade de associar, no mesmo suporte, não só o texto e a imagem, mas também o som, além de conferir a essa associação um caráter dinâmico, móbil (e não mais estático) e interativo (em seus modos de consulta, o “leitor” dispõe de uma liberdade e de uma margem de iniciativa infinitamente maiores do que os recursos anteriores). (AYMARD, 2003, p. 174).

Para Maurice Aymard, o meio digital “liberta” o impresso da maioria das restrições do formato códice que, mesmo com os avanços tecnológicos ocorridos no século XIX, permaneceram dentro da mesma lógica por cinco séculos (AYMARD, 2003, p. 174).

Na era digital, a relação entre leitor e suporte para a leitura ainda está em processo de construção. O sentido da universalidade encontrado nos meios digitais, associado à hipertextualidade, multimídia e a interatividade, recria as relações entre as partes. Aymard afirma que a paginação, a indexação

de informações e as diversas formas de busca, sejam por frases sejam por palavras, existem para trazer-nos certa familiaridade com o modelo códice (AYMARD, 2003, p. 178). Buscar semelhanças com o modelo anterior foi uma das técnicas utilizadas por Gutenberg quando foram impressos os primeiros livros; as letras usadas imitavam as dos manuscritos e o formato códice foi mantido. Portanto, tais similaridades nos ajudam, de certa forma, a interagir com as novas possibilidades presentes no livro digital, que utiliza os recursos do hipertexto disponíveis na hipermídia. Darnton (2010, p. 59) acredita que “algum dia, talvez, um texto numa tela portátil será tão agradável aos olhos quanto a página de um códice produzido há dois mil anos”. Para Bauman, é preciso tornar os livros mais adaptados à sociedade em que vivemos e ainda permanecer vigilantes para evitar que a sociedade fique inadaptada aos livros (BAUMAN, 2003, p. 33). Os novos formatos digitais certamente produzirão alterações profundas nos costumes, nos hábitos e também nas condições de trabalho mental dos leitores, sejam eles leigos ou religiosos.

A LINGUAGEM DA HIPERMÍDIA

Neste estudo, hipermídia refere-se a uma tecnologia que reúne recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos) que dão ao usuário a liberdade de explorar conteúdos por caminhos que ele mesmo queira e utilizando os recursos multimidiáticos que lhe convierem. Adotamos a definição de hipermídia proposta por Lucia Leão (1999): “um tipo de escritura complexa, na qual diferentes blocos de informações estão interconectados” (LEÃO 1999, p. 9). Na hipermídia é possível que um aplicativo ou *site* trabalhe com um grande número de informações vinculadas, denominado rede multidimensional de dados. A autora ressalta que é a partir dessa rede que se constitui o sistema hipermidiático, capaz de proporcionar experiências mais amplas de leitura e conhecimento; no caso específico dos textos bíblicos, é um percurso além da palavra escrita.

A hipermídia é a evolução do hipertexto, “documento digital composto por diferentes blocos de informação interconectados. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os *links*. Os *links* permitem que o usuário avance em sua leitura na ordem que desejar” (LEÃO, 1999, p. 15). Esses são elementos que definem o potencial interativo e a usabilidade do *software* ou aplicativo. Tomaremos também a definição de multimídia “em seu sentido mais comum, ou seja, a incorporação de informações diversas como som, textos, imagens, vídeo, etc.” (LEÃO 1999, p. 16).

Em uma análise simples, é possível perceber o quanto ficou mais fácil, ao alcance das mãos, obter informações que antes eram disponibilizadas nos tradicionais suportes de comunicação que não estavam integrados. Para

Santaella “a hipermídia é uma extensão do hipertexto, pois não se limita à informação escrita, mas permite acrescentar aos textos não apenas os mais diversos grafismos [...], mas também todas as espécies de elementos audiovisuais” (SANTAELLA, 2001, p. 24).

Para um estudo da Bíblia, a possibilidade de acessar de forma associativa as informações pode suscitar descobertas por meio das redes temáticas que existem entre os textos. É importante recordar que os textos bíblicos fazem referências a textos da própria Bíblia. Por exemplo, o cântico do *Magnificat*, proclamado por Maria (Lucas 1,46-55) é um cântico inspirado no cântico de Ana (I Samuel 12,2-10) entrelaçado com citações do Antigo Testamento, sendo as principais o Salmo 110,9, Salmo 88,11, Salmo 106,9, Isaías 41,8s, Salmo 97,3. “Há 275 citações literais do Velho Testamento no Novo, mais de 235 referências específicas”, afirma Manguel (1997, p. 119). Estes diversos pontos de entrelaçamento dos Testamentos revelam-nos um processo de hipertexto à moda antiga. A partir dos múltiplos recursos oferecidos na hipermídia, podem-se fazer estudos associados a imagens, à história deste tempo remoto, às interpretações artísticas estampadas em livros, paredes e vitrais das igrejas, também em filmes, obras de arte e reviver a experiência dos salmos cantados, entre outros. Estas são algumas das formas pelas quais a hipermídia pode ampliar e favorecer a interpretação e releitura dos textos bíblicos.

Lucia Santaella (2001, p. 390) ressalta que a hipermídia como linguagem é uma das faces mais importantes da cultura do ciberespaço. Graças, também, à sua capacidade de armazenamento de informações e às interações dos usuários, o conteúdo pode transmutar-se em inúmeras versões, na medida em que este usuário receptor torna-se coautor (SANTAELLA, 2001, p. 393), compartilhando opiniões, conhecimentos ou experiências.

A interatividade foi outro ponto analisado nas interfaces dos aplicativos. Este é um elemento indispensável do processo hipertextual. Lucia Leão evidencia que por se tratar de um sistema interativo, é preciso programar portas de acesso a outros percursos, seja para o documento, seja para a rede, deixando caminhos potenciais a serem percorridos (LEÃO, 1999, p. 90-91). Os aplicativos e *softwares* costumam oferecer um sistema de ícones que funcionam como elementos de conexão e que facilitam esta navegação, indicando os caminhos possíveis. Estes ícones são um auxílio importante aos usuários (LEÃO, 1999, p. 28).

A interação com o meio hipermediático depende da interface, que é a ponte entre o usuário e o sistema de hipermídia. Para Julio César Freitas, o principal desafio da interface é oferecer a possibilidade de uso, com linguagens decodificáveis a um ou mais usuários (FREITAS, 2005, p. 189). Portanto, um bom planejamento de interface depende de uma organização de raciocí-

nio que permita o uso fluente e espontâneo. A partir de uma interface que proporcione um fácil e ágil manuseio, o usuário tende a permanecer com o aplicativo, uma vez que nos *smartphones* eles ocupam boa parte do espaço disponível e quando não atendem à expectativa, são desinstalados rapidamente.

Por meio dos dispositivos móveis, o acesso aos conteúdos da Bíblia está sendo retomado, reorganizado e pode estar ao alcance das pessoas (fiéis, curiosos, pesquisadores, entre outros) assim como estão os *games* e as notícias. O uso constante de tais dispositivos já incorporados ao cotidiano torna o acesso muito mais rápido e constante. Ao analisar os aplicativos que disponibilizam a Bíblia ou parte dela, buscou-se verificar a interface, a usabilidade e a interatividade, de forma a perceber a relação e as convenções utilizadas neste meio que disponibiliza o texto bíblico por inteiro ou de forma parcial. Foram investigados quais projetos de fato exploravam os potenciais da linguagem hipermidiática, isto é, que reuniam os recursos do hipertexto (interatividade e usabilidade) e da multimídia (sons, textos, imagens e vídeos) fundamentados na teoria de Lucia Leão. O estudo de caso dos aplicativos foi realizado entre agosto de 2013 e abril de 2014. Foram encontrados vários aplicativos relacionados ao tema central desta pesquisa. Os selecionados são aqueles que oferecem conteúdo total ou parcial de forma gratuita, apresentam identificação de autoria, o mínimo de credibilidade, ofertados em língua portuguesa.

Os aplicativos estudados foram: *Bíblia Sagrada Free* <www.distimo.com/iq/app/apple-app-store/petrucci-tecnologia-e-servicos-de-informatica-ltda/biblia-sagrada-free>; *Bíblia Sagrada* <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-sagrada/id370178518?mt=8>>; *Bíblia +1* <<https://itunes.apple.com/pt/app/biblia-+1/id376874469>>; *Bíblia Infantil* <<https://itunes.apple.com/br/app/biblia-infantil/id699488099?mt=8>>; *Católico Orante* <www.catolicoorante.com.br>; *I Liturgia* <www.cascubo.com>; *Cristonautas* <<https://itunes.apple.com/us/app/cristonautas-1/id70159115?l=es&ls=1&mt=8>>; *Quiz Bíblia 3D* <weblinx.com>; *Sementes do Espírito* <<https://itunes.apple.com/br/app/sementes-do-espírito/id532447867?mt=8>>; *Bíblia Glow* <<http://www.bibliaglow.com.br/recursos/>>.

RESULTADO DA ANÁLISE DOS APLICATIVOS

Quanto à usabilidade, isto é, as facilidades de uso e acesso ao conteúdo por meio da interface, os aplicativos estudados encontram-se, em sua maioria, entre adequado e regular. Quanto à interatividade, os aplicativos ficam centrados em seus próprios celeiros de conteúdos. Os *apps* considerados regulares trazem conexões que funcionam relativamente bem exclusivamente dentro do que se propõe como disponibilização do texto escrito, sem nenhuma outra forma de conexão com conteúdos diversos. Os considerados adequados

trazem apresentações variadas do texto bíblico e algumas possibilidades ilustrativas a mais, o que é próprio da linguagem hipermediática, porém, nenhum destes explora de fato todas as possibilidades oferecidas pelo hipertexto e os possíveis elos com conteúdos fora de seus domínios. O aplicativo que foi considerado com alta interatividade possui uma grande quantidade de conteúdos, diversificados, integrados, com uma forma intuitiva de navegação. Os conteúdos de outras plataformas ou mídias foram adaptados e produzidos para figurarem em seu banco de dados.

Quanto à multimídia, todos os aplicativos oferecem o texto, quatro deles trazem a possibilidade de escutar o texto bíblico através de uma narrativa, no caso infantil, a narrativa é acompanhada de sons e efeitos sonoros. No que se refere à imagem, a maioria deles oferecem algum tipo de foto, mapa ou desenho. Os mais avançados oferecem fotos, obras de arte, mapas ilustrados com recursos semelhantes aos do *Google Maps* ou *Google Earth*. Apenas dois oferecem vídeos sobre os temas bíblicos.

O que se encontra no momento desta pesquisa sobre a Bíblia na hipermediática, seja o conteúdo por inteiro seja em partes, são em sua maioria modalidades que possuem características semelhantes à da apresentação dos textos bíblicos impressos. A distinção ocorre de acordo com a interface, a usabilidade e a aplicação de ferramentas de pesquisa mais ou menos avançadas, modalidades que trazem menor ou maior conteúdo explicativo. Alguns aplicativos para dispositivos móveis requerem vários toques e passagens por várias telas; outros são mais rápidos e permitem retornos diversos, o que facilita o encontro de informações importantes que ficaram pelo caminho. As modalidades que trazem usabilidade alta ou adequada são ágeis e possuem um conjunto de conexões que possibilita ampla navegação pelas informações.

No caso da interface, os aplicativos estudados trazem uma boa elaboração. A parte artística de alguns é bem desenvolvida, outras são bem simples e básicas, atendendo ao que se propõe, isto é, colocar o texto da Bíblia em formato digital. O compartilhamento com redes sociais e *e-mails* foi adotado pela maioria. Os retornos “*back*” funcionam bem nos modelos tidos como adequados ou alto, o funcionamento do retorno vai além do fio de Ariadne, podendo fazer o retorno diretamente ao ponto que se quer, sem precisar voltar passo a passo. Os aplicativos nem sempre oferecem outras formas de multimídia, atendo-se, em grande parte, às conexões dentro de seu próprio conteúdo, portanto não indo além do texto ou das mídias ali contidas.

Neste estudo de caso foram encontrados aplicativos que se destacaram por usar maior quantidade de recursos multimídia e atualizações frequentes que ficam disponibilizados para a exibição. Alguns dos aplicativos estudados oferecem planos variados de leitura (Bíblia +1, Cristonautas, Glow), que

favorecem uma leitura variada e temática da Bíblia. A Bíblia Glow utilizou grafismos e também criou passeios virtuais aos locais citados na Bíblia, como estão hoje, como se fossem documentários, com narrativas, entrevistas mescladas com dramaturgia que remonta o tempo antigo, permitindo ao usuário uma pesquisa nos contextos históricos, geográficos, sociais, culturais e atuais.

Quadro 1 – ESTUDO DE CASO

ESTUDO DE CASO												
APP ou Software	HIPERTEXTO								MULTIMÍDIA			
	USABILIDADE Facilidade de uso e acesso interface				INTERATIVIDADE Diversidade de elos, conexões, associações, nós				SOM	TEXTO	IMAGEM	VÍDEO
	Alta	Adequada	Regular	Baixa	Alta	Adequada	Regular	Baixa	Voz música ruído	Texto escrito	Foto mapa desenho animação	Animado vivo gravado
Bíblia Free			X			X				X		
Bíblia Sagrada Netfilter			X			X				X		
Bíblia +1			X			X				X		
A Bíblia das crianças			X			X				X	X	
Bíblia Infantil		X			X				X	X	X	
Católico Orante		X			X					X	X	
I Liturgia			X			X				X	X	
Cristo_ nautas		X			X				X	X	X	
Quis Bíblia 3D		X			X				X	X	X	
Sementes do Espírito		X			X					X	X	
Bíblia Eletrônica		X			X				X	X	X	X
Bíblia Glow	X				X				X	X	X	X
Total por itens	1	6	5	0	1	6	5	0	5	12	9	2

Fonte: Elaborado pela autora.

CONCLUSÃO

É possível afirmar que a evolução do livro foi de fundamental importância para a difusão da Bíblia, ao mesmo tempo em que a difusão da Bíblia foi importante para a afirmação do livro (códice) como suporte ideal para escrita por mais de quinze séculos. Atualmente a tecnologia digital tem feito uma revolução na forma de difusão do pensamento e do conhecimento. Tem trazido solução para algumas situações, tais como a de espaço, armazenamento, tempo, compartilhamento de informações, entre outras. Mas é importante ressaltar que a digitalização não é a solução de tudo ou para tudo. No que concerne a este estudo, a disponibilização dos textos bíblicos por estes novos suportes pode ajudar na popularização do acesso, o que não significa uma melhoria mais significativa do que a Bíblia no suporte impresso. Existem vantagens, porém é errôneo pensar que todo novo suporte ou meio seja melhor que seu antecessor; não é porque se trata de algo mais recente que o suporte anterior fica obsoleto ou perde sua funcionalidade, seu valor. As novas tecnologias cumprem certas funções de aproximação, popularização, acesso, interatividade, variedade de informações, armazenamento. A riqueza está no fato de os meios se complementarem de diversas formas usando as mais diversas formas de linguagem.

Ao final do estudo de caso percebemos que a maioria dos aplicativos e *softwares* encontrados ainda não exploram todas as possibilidades oferecidas pela linguagem hipermediática no que se refere à interatividade. Mas favorecem a usabilidade por meio das interfaces que podem ser usadas nos dispositivos móveis. Quanto às possibilidades advindas da multimídia, vimos que em sua maioria os atuais aparatos são uma transposição do texto escrito para o meio digital e que ainda há muito a ser feito para que a Bíblia na hiperídia tenha um potencial que vá além do texto a ser lido.

Por fim, encontramos a Bíblia como um livro vivo, que não se perdeu no tempo, mas que se transforma o tempo todo. Como um organismo vivo, ela se adapta. A Bíblia visita as mídias e nesse encontro apresenta novos potenciais de sensibilizar e despertar paixões.

REFERÊNCIAS

10 LIVROS mais lidos do mundo. *Opinião & Notícia*. 18 jun. 2012. Disponível em: <<http://opinioenoticia.com.br/cultura/os-10-livros-mais-lidos-no-mundo/>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

ARENHOEVEL, D. **Assim se formou a Bíblia**: para você entender o Antigo Testamento. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1978.

ARENS, E. **A Bíblia sem mitos**: uma introdução crítica. Tradução de Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007.

- ARNS, P. E. **A técnica do livro segundo São Jerônimo**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- AYMARD, M. Metamorfoses do livro e da leitura. In: PORTELLA, E. (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: Unesco/Moderna, 2003. p. 173-189.
- BAUMAN, Z. O livro no diálogo entre as culturas. In: PORTELLA, E. (Org.). **Reflexões sobre os caminhos do livro**. Tradução de Guilherme João de Freitas. São Paulo: Unesco/Moderna, 2003. p. 15-33.
- BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: Educ; Florianópolis: UFSC, 2002.
- CARREZ, M. **A Bíblia**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1995.
- CECHINATO, L. **Conheça melhor a Bíblia**: noções gerais da Bíblia em linguagem popular. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: UNB, 1999.
- DARNTON, R. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DEBRAY, R. **The Old Testament**: Through 100 masterpieces of art. London/New York: Merrel, 2004.
- FEBVRE, L.; MARTIN, H.-J. **O aparecimento do livro**. Tradução de Henrique Tavares de Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FREITAS, J. C. O design como interface de comunicação e uso em linguagens hipermediáticas. In: LEÃO, L. (Org.). **O chip e o caleidoscópio**: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Senac, 2005. p. 183-196.
- IN-OCTAVO. In: DICIONÁRIO Aulete. [s.d.] Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/in-octavo>>. Acesso em: 02 mar. 2014.
- LEÃO, L. **O labirinto da hipermissão**: arquitetura e navegação no ciberespaço. São Paulo: Fapesp/Iluminuras, 1999.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- THE BOOK off books. **Israele Land of Creation**. 23 out. 2013. Disponível em: <http://www.goisrael.com/Tourism_Eng/Articles/Newsletter/Pages/The-Books-of-Books.aspx>. Acesso em: 06 fev. 2014.
- TOMO. In: DICIONÁRIO do Aurélio. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Tomo.html>>. Acesso em: 30 mar. 2014.